

Pequena história da imprensa em Campinas

A PRIMEIRA GAZETA QUE VEIO A LUZ, em Campinas trouxe junto ao cabeçalho a data de 4 de abril de 1858. Coincidiu, pois, o evento publicitário da cidade provinciana com o jubileu da imprensa no Brasil. Mas, em se pretendendo relatar os episódios de maior relevo da história da imprensa campineira, ao feito solene do fincar de estacas da primeira tenda de gazeteiros na antiga povoação de Barreto Leme, deve-se antepor um capítulo para os acontecimentos de véspera, que se resumem nas aventuras de um digno e curioso cidadão francês, emigrado.

A CHAMADA "POLIGRAFIA" DE HERCULES FLORENCE

A Hercules Florence, natural de Nice, emigrado moço para o Brasil, onde constituiu família e acabou por fixar-se em definitivo, deve Campinas a montagem da primeira tipografia ou algo que se lhe assemelhe. Homem deveras extraordinário e irrequieto, o Florence, que na qualidade de desenhista contratado junto à Expedição Langsdorff fora sertanista em andanças pelo Brasil Central, vindo a residir na então Vila de São Carlos entregou-se inteiramente às coisas do desenho e estudos de ciências naturais, de mistura a experiências químicas e inventos diversos. Nesse trato cotidiano, imaginou um dia o francês criar o que ele próprio chamou «poligrafia», cujo uso e vantagens descreveu nas páginas de memórias enfilexadas em «MANUSCRITO».

São palavras do inventor, as que transcrevemos, recolhidas dos escritos de suas memórias: — «Tendo tido o desejo, em 1830, de publicar uma Memória tendente a fazer da voz dos animais um novo objeto de estudos da Natureza e estando em um país onde não há tipografia (por essa época a única tipografia existente em São Paulo era a do «O Farol Paulistano»), compreendi o quanto seria útil que esta arte fosse simplificada em seu aparelho e em seu processo, a fim de que todos pudessem imprimir quanto lhes fosse necessário. Desde então foi que me dediquei ao estudo das artes da impressão, com os poucos livros que então possuía.»

E explica tudo o mais de sua «poligrafia», detalhando o processo técnico de impressão, inclusive a várias cores — verdadeira revolução nas artes gráficas daquele tempo! — a necessidade do papel previamente umedecido, o uso obrigatório de tinta «poligráfica», especialmente composta, e particularidades outras de seu invento.

Diábo engenhoso, o Florence, que no ano de 1832, em Campinas, teria antecipado o compatriota Daguerre, ou com ele coincido, na invenção da fotografia! Mas embora lhe sobejasse engenho, não foi feliz com a «poligrafia», culpando pelo insucesso autoridades locais e o meio ambiente. Nas citadas memórias há o seguinte tópico de desabafo:

— «Em um século em que o talento não passa despercebido, a Providência me trouxe a um país em que nenhum caso se faz dele. Sofro os horrores da miséria (moral) e minha imaginação está cheia de descobertas. Nenhuma alma me ouve, nem me compreenderia.

Aqui só se dá preço ao ouro; só se ocupam de política, açúcar, café e carne humana (escravos). Conheço, sem dúvida, algumas grandes e belas almas, mas estas mesmo, em pequeno número, não estão formadas à minha linguagem — e respeito a sua ignorância.»

Para dizer de Campinas ou Vila de São Carlos, nos remotos dias de 1830, as notícias chegadas até nós justificam o pessimismo do francês. Povoado mal engatinhando em progresso à boca do sertão paulista, não contaria oito mil almas, porquanto o recenseamento de após proclamação da Independência lhe acusara o número de 7.369 habitantes, discriminados como 2.389 brancos, 3.434 pretos e 1.546 mulatos ou cafuzos. Conclui-se, daí, que a maioria da população era de gente escrava, que se distribuía pelas senzalas dos senhores de gleba, nem sempre alfabetizados.

Em meio da fidalguia fazendeira, apatadaça mas iletrada, Hercules Florence, por fim, fez-se também fazendeiro, adquirindo propriedade agrícola nos arredores de Campinas, mas jamais abandonou o sestro das invenções e os estudos científicos. Sabe-se que, em 1861, tentou o revascimento da «poligrafia», melhorada com o acréscimo de novo invento — um sistema muito seu de caixotins de tipo, para a distribuição dos caracteres tipográficos, visando simplificar ou aligeirar a composição. Modismo, esse, que como os demais, também não vingou.

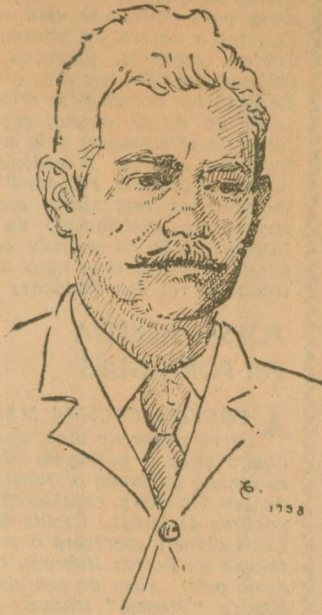
Fato inacreditável e que já motivou confusão, na vida de Hercules Florence, é a ausência de gazeta em suas lides. Hábil manejador da pena para muitos escritos, interessado em máquinas impressoras, pretendendo introduzir reforma e melhoramentos em tipos e prelos, o homem não fundou nenhum jornal, quando, com a atividade gazeteira, teria sido ele, não outro, o patriarca do jornalismo em Campinas. Consciente o dizer de Alberto Faria, para jornalista faltou-lhe a bolsa. Talvez assim fosse. Mas havia ainda, para desencorajamento de iniciativa, aquela pobreza intelectual do meio por ele denunciada. Escritor, artista e cientista, e jamais político, embora genro de Alvares Machado que de certa forma o envolvia no gorado levante do coronel Tobias de Aguiar, pretendia Florence ser lido pelos cultos, pelas pessoas alfabetizadas o bastante para a compreensão da sua «linguagem». Nas cartas que costumava escrever a amigos, lá da corte, e acadêmicos da França, sempre fez questão de reafirmar a sua qualidade de homem de ciência. Deixou, assim, Hercules Florence, a quem viesse mais atrás, as honras de lançar os fundamentos da imprensa periódica em Campinas, aproveitando o legado de sua tipografia.

O segundo trabalho da série «Bauru e o Povoamento da Noroeste», de autoria de Ernani Silva Bruno, que vem sendo divulgada no Caderno de «Assuntos Culturais» da FOLHA DA MANHÃ, será publicado no próximo domingo.

veitando o legado de sua tipografia.

"A AURORA CAMPINEIRA" E JOÃO TEODORO

A «Princesa D'Oeste», quando não mais São Carlos, não mais simples vila, guindada que fora à jerarquia de cidade, sob o nome que lhe era tradicional, como reminiscência do remoto sítio «Campinho», teve na Aurora Campineira o seu primeiro jornal, folha do amanhecer da imprensa local, e no santista de nascimento, João Teodoro da Siqueira e Silva, o primeiro e autêntico gazeteiro. Isto aconteceu, já assinala-



Henrique de Barcelos, o mais completo e popular jornalista campineiro, um dos fundadores da primeira folha diária a circular na «Princesa D'Oeste», «Diário de Campinas», e que após quarenta anos de jornalismo ativo faleceu em 1911, à frente do «Comércio de Campinas»

mos, pelo ano de 1858, quando de muito uso no interior da província os babados românticos.

Da festa ou unicamente surpresa, que teria provocado o aparecimento do jornal, não sobrou registro que mereça fé. O deontar de aurora publicitaria, na cidadezinha um nada evolvida demograficamente da vila de 1830, infelizmente não encontrou, em meio à gente contemporânea, noticiarista apropriado para a documentação fiel das possíveis e festivas clarinadas. Temos conhecimento de que foi num domingo, 4 de abril de 1858. E por isso escreveu-se, muitos anos mais tarde, dando trélas à imaginação, que capaz de botar em sobresalto a curiosidade pública, noite a dentro do sábado de véspera, em horas mortas, no escuro e ermo da rua do Portico, vizinhança do cruzamento com a rua da Fica Grande (hoje, esquina Ferreira Penteador-Irmã Serafina), tão só o rumor de ferrões velhos em entrecroques, que daria origem à frase poética «gemer dos pretos». Aquilo seria o parto imprevisto, custoso e incerto, da «Aurora Campineira», folha medindo 30 centímetros de com-

primento e 20 de largo, oferecendo quatro páginas de composição em duas colunas cheias, corpo 8, de publicação semanal.

Desse acontecimento, fantasiadamente evocado por Alberto Faria, na «Revista do Centro», a repercussão exata na provinciana cidade de 1858 não chegou até nós. Documentação precisa, porém, é a notificação oficial feita aos senhores edis, semana após, por via do seguinte ofício:

— «Ilmos. Srs. Em virtude do artigo 203 do Código Criminal, declaramos a vossas senhorias que estabelecemos nesta cidade, na rua do Portico n.º 17, a nossa oficina tipográfica onde, no dia 4 do corrente, demos à luz um periódico sob o título Aurora Campineira, o que levamos ao conhecimento de vossas senhorias em cumprimento do mesmo artigo. Deus guarde a vossas senhorias. Campinas, 10 de abril de 1858. (aa) Silva & Irmão».

Comunicado curto e seco. Além do meramente protocolar «Deus guarde a vossas senhorias», nenhuma bajouice para com os nobres edis. Componentes da firma signataria — Silva & Irmão — são os dois Teodoros de Siqueira e Silva, João e Francisco, ambos proprietários, editores e redatores da «Aurora Campineira». As crônicas de Campinas antiga quase ignoraram o segundo Siqueira e Silva para mais se estender com as façanhas de João Teodoro. Explica-se: na época, na qual o jornalista jamais se fazia por mero título concedido, a si próprio, alheio à tarimba, gazeteiro de verdade seria o João e não ainda o Francisco moço em obrigatório curso de «foça», na redação. Resta dizer do pulso e conduta de João Teodoro de Siqueira e Silva, à frente do primeiro jornal campineiro.

Evocado a distância de um século, em perfil de largas e esfumadas pinceladas, o pioneiro da imprensa periódica na «Princesa D'Oeste», tipógrafo de boas lestras, sem o canudo do bacharel, se nos apresenta como homem do povo, gazeteiro afeiçãoado à luta, pelejando em época que na expressão de Alberto Faria, era dos «assalariados porretes moedores e atrevidos», das «venalíssimas garruchas, liquidadoras de tel-

mosos». Possivelmente ameaçado de muitas tundas, João Teodoro não se amedrontou. Se por causa de suas campanhas houve alguém desejo de fazê-lo engulir a folha impressa, na qual se estampasse um de seus artigos mais contundentes, tal violência, muito em moda no interior até quase os nossos dias, com ele não se consumou em fato para o registro das crônicas. Por outro lado, dinheiro algum se lhe meteu na algibeira, para a compra de opinião ou elogio. Durante os dois anos de vida publicitaria da «Aurora Campineira», desdobrou-se João Teodoro no afã de redigir, compor, imprimir e distribuir, semanalmente, a folha aos seus 120 assinantes, que mais não os teve. Quanto aos louros conquistados, não guardou a tradição senão o fato de o jornalista, molestando-se à cada passo com os graudos da terra, volta e meia às turras com o juiz da Comarca, dr. Tito Augusto Pereira de Matos, ter aguentado a mão em quinze processos formulados em delitos de imprensa. Valente João Teodoro!

Melancólico foi o rair da primeira tenda jornalística da velha Campinas. Derreado com a trabalhadeira o gazeteiro-tipógrafo, a 10 de janeiro de 1860 ceudou por venda o semanário "Aurora Campineira" ao Partido Conservador, que o transformou em outro jornal, órgão oficial da agremiação política, sob o nome de "O Conservador". Assumindo a chefia da redação o dr. Francisco Antonio de Araujo, cuidou descansar João Teodoro, a pena de pato com a qual esgrimira nos editoriais, limitando-se a gerir a folha, na qualidade de proprietário da tipografia editora. No entanto, nesse posto é que o foi procurar a Justiça, para o derradeiro e inesperado processo. Por causa de um escrito não devidamente assinado pelo redator Antonio de Araujo, uma sentença latinorria do juiz Tito Augusto condenou o gerente editor de "O Conservador" a sete meses de prisão! De momento, não restou a João Teodoro recurso outro que o de fugir, ocultar-se em fazenda de amigo, até a revisão do odioso processo, o que se procedeu quando novo magistrado na Comarca, o dr. Vicente Ferreira da Silva Bueno, avô materno de Cesar Bierrenbach.

O gazeteiro da velha Campinas furtou-se à pena das grades. O processo, porém, provocou o fechamento definitivo de "O Conservador", com dez curtos meses de circulação. Após isto, desencantado de aventuras, recolheu João Teodoro a clava de jornalista brigão, para se converter no mais inofensivo homem de negócios, gerindo pacatamente a tipografia própria, confeccionando impressos de encomendas simplesmente comerciais. Nos caixotins dessa tipografia fez aprendizagem de tipógrafo, antes de jornalismo, o então jovem e boêmio, tocador de violão, Francisco Glicério, que futuramente, em as colunas de a "Gazeta de Campinas", atearia lume à campanha politico-republicana.

A "GAZETA DE CAMPINAS", "O CONSTITUCIONAL" E O "DIARIO DE CAMPINAS"

O 11 de novembro de 1860, data do desaparecimento de "O Conservador", encerrou o capítulo do amanhecer da imprensa campineira. Aquelas atribuições de João Teodoro e mais os prejuízos materiais que sofreu, teriam feito erer a muita gente que não era interessante e nem assisado meter-se um cidadão, com as suas patacas, em semelhante empresa. Assim, o vazio de imprensa ativa, regular, na provinciana cidade, prolongou-se por nove anos quase completos, isto é, até 31 de outubro de 1869, quando alguns moços, imbuídos de sonhos literarios, houveram por bem lançar à publicidade o bi-semanario "Gazeta de Campinas". A frente da iniciativa encontramos o poeta e advogado Francisco Quirino dos Santos, que passara pela redação de algumas folhas de São Paulo, dentre as quais o "Correio Paulistano". A bolsa que se lhe abriu para a montagem do jornal foi a do sogro, capitão Joaquim Roberto de Azevedo Marques. Para os escritos, obteve a colaboração valiosa e desinteressada dos amigos Jorge Miranda e Campos Sales. Quanto a Francisco Glicério viria depois. Uma tenda de jornalismo mais propício às musas, na qual se revelava um unico espirito pratico, que era o do gerente, José Maria Lisboa, que seria o fundador, em São Paulo, do "Diario Popular".

Na redação da primitiva "Gazeta de Campinas", na rua chamada "de Baixo", esquina da rua Formosa (dr Quirino-Conceição, de hoje), houve um dia em que à poesia se consorciasse, a politica, politica de

moços, é de ver, agitando em meio ao imperio do sr. Pedro II a ideia de uma republica nbs moldes da de 93, na França. Compreende-se o revolucionismo romantico. A "Historia dos Girondinos", de Lamartine, e os romances de Hugo eram devorados no original pela juventude letrada do interior da Provincia. Entrando a "Gazeta" a incomodar deveras o governo municipal, em Campinas, veio a fundar-se "O Constitucional", orientado pelo bacharel João Gabriel de Moraes Navarro.

Acenando a divisa "Deus e Patria", a nova folha campineira, igualmente bisemanaria, surgiu a 25 de março de 1874, em contrabalanço ao daninho liberalismo irreverente ao trono e ao altar, pregado pela "Gazeta". Embora primorosamente redigido e confeccionado, teve existencia curta "O Constitucional", extinguindo-se em março de 1876, sob a redação do dr. Baltasar da Silva Carneiro.

Campinas, no entanto, na década 1870-1880, oferecia campo propício às atividades de imprensa, com a politica em efervescencia e as ideias em choque. Sempre e sempre mais partidaria a "Gazeta", deu ensejo ao aparecimento de "A Mocidade", em 1874, impressa no velho prelo de João Teodoro, adquirido por Antonio Duarte de Moraes Sarmiento, que associou na empresa Henrique de Barcelos e Gonçalves Pinheiro.



Francisco Glicério ao tempo em que, tendo abandonado o violão das serenatas, fazia jornalismo politico e incendiario da pró-Republica, nas colunas da velha "Gazeta de Campinas"

Os três, tentanto a sorte, deram à publicidade o modesto semanario, que dentro em breve evoluiu para jornal das terças e sextas-feiras. Um ano decorrido, alargado o programa de aspirações de moços ao campo do interesse coletivo, "A Mocidade" rebatizou-se em "Atualidade", que por sua vez, a 19 de setembro de 1875, se convertia no masculino e arrojado "Diario de Campinas", a primeira folha cotidiana local.

Foi só em 1876 que a "Gazeta de Campinas", amparada ao primeiro Directorio do Partido Republicano, organizado em Campinas, passou a jornal diario. Mas a sua feição acentuouse mais literaria, com o novo redator-chefe, poeta Carlos Ferreira. Essa "Gazeta" historica, animadora das primeiras jornadas republicanas, não atingiu o 15 de novembro de 89, desaparecendo em maio do mesmo ano. O seu rival "Diario de Campinas", que graças a Henrique de Barcelos conquistou popularidade, passou alem do seculo, em caminhada, fechando as portas em 1901.

A "OPINIAO LIBERAL", O "CORREIO DE CAMPINAS", A "CIDADE DE CAMPINAS" E O "COMERCIO DE CAMPINAS"

A derrocada de "O Constitucional", em 1876, como campeão do treno, nem por isso desanimou os monarchistas campineiros. Lançaram logo após "A Opinião Liberal", diario de grande formato, usando para a dura refrega com a "Gazeta" e o "Diario" o temível Policarpo Teixeira de Almeida Queirós, parente, ao q' consta, do Eça de Queirós. Esgrimindo o melhor de suas armas, "A Opinião Liberal" permaneceu na liça até janeiro de 1883. Referência mais longa merece o "Correio de Campinas" que surgiu à luz a 1.º de janeiro de 1885. Custeado por diversos cidadãos, que lhe puseram ao leme Henrique de Barcelos, afastado do "Diario de Campinas", a lacuna que pretendia preencher a nova folha era a do meio termo, deixando à "Gazeta" o republicanismo e ao "Diario" a campanha abolicionista. Explorou, assim, o noticiario imparcial. A habilitade de um tal programa ou o tirocinio de Barcelos tornou vitorioso o jornal. Uma vez extinta a escravatura e proclamada a Republica, é que o "Correio" se meteu no fogaréu politico. Esteve contra Floriano nos acontecimentos de 1891-1894 e participou ativamente da pendencia havida entre gliceristas e prudentistas, em 1897. Com fortuna varia, o "Correio" completou uma jornada de 35 anos, para testemunhar o renascimento de Campinas, após os calamitosos dias da febre amarela, extinguindo-se em dezembro de 1919. Foi, em sua



Francisco Teodoro, irmão de João Teodoro, colaborou na fundação e confeção do primeiro jornal a vir à luz, em Campinas — "Aurora Campineira"

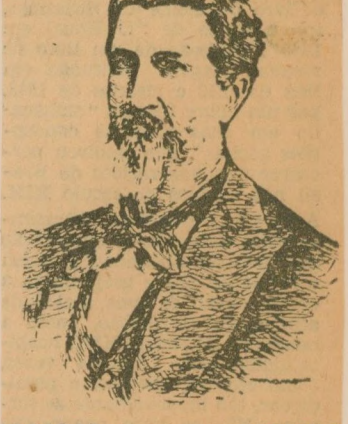
derradeira fase, como propriedade do eminente politico Heitor Penteado, o jornal de Alberto Faria, folclorista e futuro academico, e de Benedito Otavio, brilhante homem de letras e o historiador por excellencia dos fastos da "Princesa D'Oeste".

É interessante constatar, na historia da imprensa campineira, como os nomes se entrecruzam e se embaralham, na existencia de quantos jornais surgiram entre o fim de um seculo e alvorecer de outro. A "Cidade de Campinas" teve como primeiro redator-chefe Alberto Faria, que a consolidou quando propriedade de Elias Lobo. Iniciando publicação a 27 de dezembro de 1896, manteve-se na estacada até 31 de dezembro de 1915. O dr. Paulo Lobo foi para a "Cidade" o "brigante" mor, pena culta, de manejo facil para o mais cruel sarcasmo.

O "Comercio de Campinas", cujo nascimento se registra a 1.º de setembro de 1900, seu programa e feito e todo ele Henrique de Barcelos, indiscutivelmente o maior jornalista que já teve Campinas. Não admira, pois, o seu prestigio junto às massas, até o dia em que baqueou o seu fundador e idealizador, após quarenta anos de luta na imprensa, em 1911. A segunda fase do "Comercio", sem a orientação pessoal de Barcelos, arrastou-se em edições truncadas até fins de 1920. Assim mesmo, pontificaram com brilho, em suas colunas, entre outros, um belettrista como Alvaro Miler, e um polemista ironico da força de Ernesto Kuhlman.

O SURGIR DA MODERNA IMPRENSA CAMPINEIRA

Até o extinguir do primeiro quartel do seculo, a imprensa



João Teodoro, gazeteiro-tipografo, como fundador da "Aurora Campineira", a 4 de abril de 1858, é o legitimo patriarca da familia jornalística em Campinas. Sua linha de conduta, combatividade e devotamento populares vale como exemplo a varias gerações dos profissionais da pena.

sa em Campinas tinha tudo de romantismo, com os seus gazeteiros heróicos, os seus prelos cambaios, de terceira ou quarta mão, os seus tipos moveis sovadíssimos. Era por demais lirica em sua crença de que o jornalismo se fizera para a defesa de opiniões, junto ao povo, e boemia de espirito de seus redatores. Imprensa, em sua quase totalidade, sem escora do capital sonante. Com as modernas instalações carissimas, com que Alvaro Ribeiro lançou o "Correio Popular" a 4 de setembro de 1927, é que se iniciou nova era para o jornalismo campineiro. Jornalista e politico, da escola de Barcelos, o fundador do "Correio" dotara antes Campinas com um outro jornal, o "Diario do Povo", lançado em sociedade com Antonio Franco Cardoso, a 20 de janeiro de 1912. A frente do "Diario", Alvaro Ribeiro conquistou o bastante de prestigio para uma ininterrupta liderança das massas.

Uma vez afastado do "Diario do Povo" o jornalista Alvaro Ribeiro, coube a Antonio Franco Cardoso o proceder às necessarias reformas em seu jornal, que se equiparou ao "Correio" em instalações modernas. Atualmente, "Diario" e "Correio", são os grandes representantes da progressista imprensa do interior, com as suas empresas firmemente consolidadas.

Nesta derradeira fase do jornalismo na Princesa D'Oeste, veio à luz, em 1946, "A Defesa", matutino de combate, ao sabor popular, que infelizmente cerrou suas portas após a campanha eleitoral de 1955.

São os fatos e vultos de maior relevo, em todo um seculo da imprensa de Campinas, o que